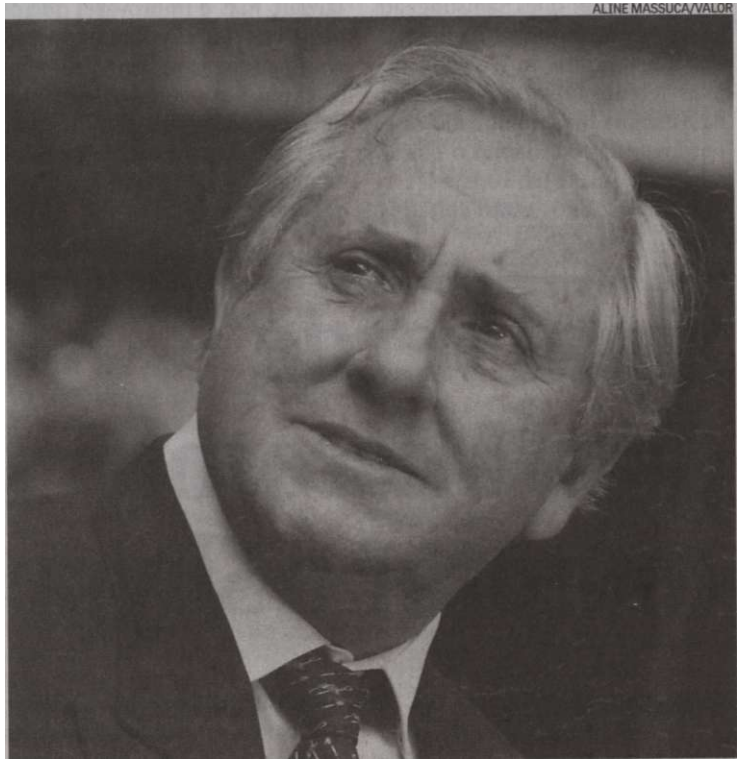
Gerida como holding, CBV cresce



Ary Graça, presidente da confederação: momento é de buscar mais patrocínios

Paola de Moura
Do Rio

Embalada pelo momento econômico e esportivo do Brasil, a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) quer aumentar o número de patrocinadores. Hoje a entidade tem um contrato único com o Banco do Brasil, que pagou cerca de R$ 35 milhões para estampar seu nome nas camisetas e em todo material referente às seleções de vôlei do país em 2010. O presidente da confederação, Ary Graça Filho, acredita, no entanto, que a CBV atingiu um patamar de reconhecimento mundial que permite buscar mais patrocínios.

A receita da entidade vem crescendo: passou de R$ 56,5 milhões para R$ 60 milhões entre 2009 e 2010, e a previsão é fechar 2011 com R$ 76 milhões — uma alta de 34,5% nos três anos. O patrocínio responde por 60% da arrecadação. Ary Graça pretende agora gerenciar quatro cotas "masters". "O contrato com o Banco do Brasil termina em 2012 e estamos nos organizando para modificar o sistema de patrocínio", afirma. O objetivo, segundo ele, é profissionalizar mais as federações, dando cursos e treinamentos para os funcionários e disseminar o vôlei pelas escolas brasileiras.

À frente da Confederação Brasileira de Vôlei desde 1997, Ary da Graça, de 68 anos (que já foi levantador da seleção brasileira), quer atrair mais investimentos para o esporte. "Não temos o público do futebol e nunca teremos, mas o vôlei é o esporte da classe AB e também das mulheres, as responsáveis pelo consumo do lar". Uma pesquisa realizada em 2007 mostrou que o vôlei é o esporte preferido das mulheres e o segundo do país.

O atual presidente terminou a profissionalização da CBV iniciada por Carlos Nuzman, que dirigiu a confederação de 1975 a 1996. Em 2001, a entidade esportiva foi a primeira do mundo a ter um certificado ISO 9000. Também foi considerada pela Federação Internacional de Vôlei como a "mais bem-sucedida federação do mundo" pelo triênio 1997/98/99. "Depois de 2000 ganhamos tudo. Mas não fizemos isso apenas com os excelentes atletas. Isso exigiu planejamento e estratégia", acrescenta.

A CBV é dirigida por Ary Graça como uma holding. Seu balanço é auditado pela Trevisan e publicado anualmente. "Temos hoje um calendário esportivo planejado para os próximos 12 anos em todas as categorias", conta.

Para o presidente, a publicação do balanço e a transparência dos números dão certeza ao jogadores de que o dinheiro que entra vai para o atleta. "Nos últimos seis anos pagamos R$ 11 milhões em salários". O jogador começa a receber salário no juvenil, com 18 anos. Antes disso, apenas uma ajuda de custo.

A holding CBV está dividida em quatro unidades: seleções brasileiras, negócios praia, eventos e o projeto Viva Vôlei. Todas têm orçamento próprio, metas e obrigação de dar retorno. "Hoje em dia se fala em superávit, mas é lucro mesmo. Todas têm que dar lucro", brinca o dirigente que também é empresário, formado em direito pela PUC. Aos 28 anos, foi diretor do Invest Banco, do ex-ministro Roberto Campos. Depois fez carreira no Mercantil de São Paulo, onde chegou a vice-presidente e ajudou a recuperar a Supergasbrás como diretor financeiro.

"Todas as seleções têm metas a alcançar. Este ano por exemplo, o juvenil não esteve bem e não ganhou um campeonato. Faremos reuniões, diagnósticos para achar as soluções", diz. Ele conta que todo o lucro é reinvestido no esporte. Na unidade de praia, por exemplo, foi montado um centro de treinamento em Portugal. "A maior parte dos jogos são na Europa, o que facilita o treinamento da seleção."

Ary, que também é presidente da Federação Mundial de Vôlei de Praia, conseguiu alterar as regras do esporte e agora as duplas não são mais independentes nas competições internacionais. Elas pertencem à seleção do país e é a confederação quem decide quem participará dos campeonatos.

O dirigente também administra o Aryzão, como é apelidado o centro de treinamento da seleção em Saquarema, cidade da Região dos Lagos, no Rio. O centro foi construído pelo governo ao custo de R$ 5 milhões. "Hoje está avaliado em R$ 30 milhões. Alugamos para quase todos os times de futebol do Rio e também para outras equipes de vôlei, além de escolas que usam para fins de semana ou colônia de férias". No ano passado deu superávit de R$ 50 mil, já descontando a manutenção.

Até o projeto Viva Vôlei, que leva o esporte às comunidades carentes se sustenta. "A gente fornece professores, material utilizado pelos alunos e as empresas privadas pagam o custo. Só na Bahia, já treinamos 200 mil crianças, todas patrocinadas pela Camargo Corrêa."

Com essa estrutura, a CBV obteve um superávit de R$ 2,5 milhões em 2010. Em 2011, o superávit previsto é de R$ 3,5 milhões.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 6 out. 2011, Empresas, p. B4.